



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15772 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT02 - História da Educação

O QUE AS PESQUISAS TEM A DIZER SOBRE A COMUNIDADE LGBTQIAPN+ NA DITADURA CIVIL MILITAR (1964-1985)?

Gedalias Ferreira Correia - UPE-PPGFPI - Universidade de Pernambuco

Raylane Andreza Dias Navarro Barreto - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Agência e/ou Instituição Financiadora: FACEPE

O QUE AS PESQUISAS TEM A DIZER SOBRE A COMUNIDADE LGBTQIAPN+ NA DITADURA CIVIL MILITAR (1964-1985)?

1 INTRODUÇÃO

No período da história brasileira marcado pela ditadura civil-militar, ocorrido entre os anos de 1964 a 1985 corpos, pensamentos e expressões sofreram grandes repressões. Isto porque, os indivíduos que não se moldaram à heteronormatividade no período ditatorial eram impossibilitados de conviver em sociedade, bem como, impedidos de exercer seus direitos sociais como trabalhar, militar politicamente, estudar e exercer seguramente a sua sexualidade. Naquele contexto, marcado por violenta repressão aos que não atendiam aos padrões normativos, muitas marcas foram deixadas em corpos e mentes de pessoas LGBT nesse período. A tais pessoas não restava outra alternativa a não ser encontrar cotidianamente estratégias de sobrevivência por estar sob um governo autoritário que pregava a moral e os bons costumes com marcadores religiosos que não admitia outros corpos e mentes se não o de homens e mulheres heteronormativos.

Tal enquadramento resultou na perseguição a corpos e as mentes não enquadradas em tais padrões. (QUINALHA, 2017).

Nessa mesma perspectiva, é imprescindível enfatizar, tal qual Pereira (2021, p.9) que durante muito tempo as narrativas “sobre lésbicas, homossexuais, travestis e transexuais foram construídas estritamente sob uma perspectiva religiosa, que condenava esses indivíduos em razão de seu desejo tendo como premissa a moralidade cristã”. Para além do discurso baseado na ideia de pecado, comissões religiosas mais reacionárias da Igreja católica e membros da "Marcha da família com Deus pela liberdade" deram espaços para médicos nas páginas de jornais, nas rádios e também nas Televisões para que discursos pseudocientíficos que afirmavam ser a homossexualidade uma doença passível de cura, fosse reverberado.

Dessa maneira, além de segregar os homossexuais de diversas esferas da sociedade durante o regime, “operações de limpeza” eram comandadas por civis e militares com o objetivo de afastar os não heterossexuais das principais ruas das cidades, como foi o caso do delegado José Wilson Richetti, que se ocupou entre os anos de 1976 a 1977 em afastar “lésbicas, homossexuais, travestis e prostitutas de determinadas regiões da cidade de São Paulo” (Pereira, 2021, p.10). Com atitudes como estas pulverizadas nos quatro cantos do país, tornou-se algo corriqueiro policiais realizarem batidas nos bares, boates e casas de performance que serviam como pontos de encontros de homossexuais (OCANHA, 2015). Nesses espaços estavam presentes tanto os homens gays afeminados, como também, mulheres lésbicas masculinizadas. Eram eles e elas, indivíduos que iam de encontro à ditadura, pois, compactuam, para além da liberdade política, de ideais de liberdade de pensamento e de liberdade sexual e de gênero. Os frequentadores desses espaços em sua maioria eram presos ou submetidos a violências físicas, materiais, verbais e simbólicas. Bem como, também eram intimidados ao sofrer constantes ameaças de exposição pública. Isso porque, muitos dos que frequentavam tais locais não tinham sua sexualidade assumida, e quando descobertas muitos eram dispensados de seus cargos de trabalho (OCANHA, 2015).

Com base em tal histórico, o estudo de que trata este resumo, orientou-se pela seguinte problemática: O que dizem as pesquisas sobre a comunidade LGBTQIAPN+ durante a ditadura civil-militar ocorrida no Brasil entre os anos de

1964 a 1985? O objetivo aqui perseguido foi o de analisar e compreender a partir de artigos, teses e dissertações como a ditadura considerou os corpos e mentes não heteronormativos durante o regime, bem como entender quais eram os meios de repressão utilizadas sobre gays, lésbicas, travestis e transexuais.

Entendemos que é fundamental à compreensão histórica de pesquisas que adotem como investigação a homossexualidade durante os anos que compreendem a ditadura civil-militar. Pesquisas essas, que evidenciem as violências, censuras, repressão e violações dos direitos humanos acometidas sobre as pessoas não heteronormativas. Isto porque precisamos entender mais e melhor a história do Brasil sobre um ponto de vista de pessoas que sempre estiveram em uma posição subalternizada, apenas por mostrarem quem são, e que foram, por isso, rotineiramente desmemoriados da história.

Para tanto, recorreremos a revisão de literatura do tipo sistemática uma vez que ela permite o emprego de “uma metodologia de pesquisa com rigor científico e de grande transparência, cujo objetivo visa minimizar o enviesamento da literatura, na medida em que é feita uma escolha exaustiva dos textos publicados sobre o tema” (RAMOS; FARIA; FARIA, 2014, p. 22).

2 DESENVOLVIMENTO

Para alcançar o objetivo adotamos o que Ramos, Faria e Faria (2014) esboçaram em seu trabalho, acerca dos procedimentos metodológicos para desenvolver uma revisão sistemática. Os autores sistematizam as etapas que podem ser seguidas e replicadas por outros pesquisadores, da seguinte maneira: “(i) objetivos (ii) equações de pesquisa pela definição dos operadores booleanos; (iii) âmbito; (iv) critérios de inclusão; (v) critérios exclusão; (vi) critérios de validade metodológica; (vii) resultados; (viii) tratamento de dados” (RAMOS; FARIA e FARIA, 2017, p. 24).

A proposta acima detalhada pelos autores, foi seguida com o intuito de compreender a relação da comunidade LGBTQIAPN+ com o regime ditatorial. Para a pesquisa, foram utilizados três locais de pesquisa: Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), SciELO e Scopus, por considerar que, são bases de dados que compõe

uma grande produção de artigos, teses e dissertação de diversas áreas do conhecimento, incluindo: história, educação, literatura, psicologia e outros. Para iniciar a pesquisa recorreu-se ao uso de palavras chaves no momento de busca dos trabalhos, sendo elas: lgbt e ditadura, política sexual e repressão, homossexualidades e ditadura civil-militar, lgbtq e ditadura.

Como base para inclusão dos trabalhos adotou-se os seguintes critérios 1°- trabalhos decorrentes de doutorado e mestrado acadêmico; 2°- pesquisas acadêmicas que se debruçam sobre a comunidade LGBTQIAPN+ no período da ditadura civil-militar (1964-1985); 3°- Pesquisas que utilizam como objeto de investigação experiências vividas por militantes gays, bem como, as pesquisas cujos autores se debruçaram sobre os documentos que eram feitos por/para os homossexuais.

No que diz respeito aos critérios de exclusão estão: 1°- trabalhos de doutorado e mestrado profissional; 2°- Pesquisas em que a comunidade LGBTQIAPN+ não são o objeto de pesquisa ou não estão ligados diretamente ao objetivo da investigação; 3° Pesquisas fora do recorte temporal e trabalhos não encontrados por completo.

A partir de tais critérios foram selecionadas 9 pesquisas pertinentes à temática de estudo, sendo elas: 7 na CAPES, 1 na SciELO e 1 na SCOPUS). Como podemos ver no quadro a seguir com os respectivos nomes do autor/es, ano, banco de dados e título da pesquisa.

Tabela 1 - Fonte: Quadro construído a partir das pesquisas selecionadas (2024).

Autor/es	Ano	Banco de dados	Título
Marcelo Saldanha das Neves	2019	CAPES	Performance, porrada e purpurina: histórias e memórias LGBTQ+ em documentários brasileiros.

Ana Cecília Pereira	2021	CAPES	As comissões da verdade no Brasil e a construção de narrativas sobre a repressão a pessoas LGBT durante a ditadura militar.
Nathalia Alves Pedroso	2017	CAPES	Atravessamentos entre a ditadura civil-militar brasileira e a perseguição às pessoas lgbt: histórico, recorte jus transicional e legado autoritário.
Rafael Dos Reis Aguiar	2020	CAPES	O Estado policial-Securitário e as violências ANTI-QUEER no BRASIL: a governamentalidade sexual da ditadura civil-militar à redemocratização (1964-1985).
Rogério Reis dos Santos	2017	CAPES	Uma bicha atrevida pede a palavra: o lampião da esquina e a resistência de homossexuais durante a ditadura civil militar brasileira.
Aline Nawara Cintra Silva	2022	CAPES	Dos armários dos DOPS à imprensa da cidade: As sexualidades dissidentes durante a ditadura civil-militar em Goiás (1974-1980).
Rodrigo otávio Moretti-Pires; Zeno Carlos Tesser Júnior; Douglas Francisco Kovalski	2018	SciELO	Homofobia e os socialistas brasileiros em "O Lampião da esquina" (1978-1981).
Renan Honório Quinalha	2017	CAPES	Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988).

Paulo Roberto Souto Maior Júnior	2016	SCOPUS	Escrever para inscrever-se: epistemologia homossexual nas páginas do Lampião da Esquina (1978-1981).
----------------------------------	------	--------	--

Fonte: Elaboração dos autores (2024).

A partir das pesquisas selecionadas constatou-se que a ditadura civil-militar no Brasil configurou-se, para além dos elementos políticos envolvendo o impedimento da democracia, como um período de perseguição e de violência a qualquer diversidade sexual e de gênero. Isto porque a retórica da moralidade pública e a preservação dos bons costumes eram consideradas pautas principais na construção da estrutura ideológica que sustentou a ditadura iniciada em 1964 no Brasil. Renan Quinalha em sua tese “Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)” apresenta que nesse período, a defesa das tradições, a proteção da família e os cultivos religiosos “foram todos, a um só tempo, motes que animaram uma verdadeira cruzada repressiva contra setores classificados como indesejáveis e considerados ameaçadores à ordem moral e sexual” (Quinalha, 2017, p. 26).

Na dissertação “Uma bicha atrevida pede a palavra: o lampião da esquina e a resistência de homossexuais durante a ditadura civil-militar brasileira”, defendida por Rogério dos Santos em (2017) o pesquisador contribui para a compreensão de que o regime introduziu na população um padrão de comportamento nacional e uniforme, o que significou a eliminação dos indivíduos que não se espelhassem com os cidadãos de bem, que eram os merecedores da proteção do estado. Entre os indivíduos que se limitaram aos padrões estabelecidos pelo governo estavam aqueles que apresentaram “o padrão hegemônico, qual seja branco, patriarcal, cisgênero, heterossexual e monogâmico” (Santos, 2017, p. 65). Logo, as muitas pessoas que não se enquadravam nos perfis estabelecidos pelos militares, tiveram seus direitos violados e censurados.

Pereira (2021, p. 10) em sua pesquisa “As comissões da verdade no Brasil e a construção de narrativas sobre a repressão a pessoas LGBT durante a ditadura militar” afirma que além do emprego das forças policiais na ditadura, a censura também agia para coibir as organizações dos incipientes coletivos homossexuais que começavam a se formar para coibir a organização dos que começavam a se

formar para inibir as publicações em espaços na mídia convencional e alternativa que tratavam da temática homossexual.

Assim, milhares de conteúdos foram censurados e deixaram de circular. Entre eles estavam alguns veículos de programas televisivos, teatros, filmes, músicas e principalmente jornais. Um dos grandes expoentes nesse cenário de censura foi o jornal *Lampião da Esquina* que circulou discursos contrários aos padrões estabelecidos no período ditatorial. Os artigos do jornal faziam a defesa das mulheres, indígenas, negros e principalmente dos homossexuais. Ao se debruçar sobre o jornal *Lampião da Esquina*, Júnior (2016) em sua pesquisa “Escrever para inscrever-se: epistemologia homossexual nas páginas do *Lampião da Esquina* (1978-1981)” aponta que o *Lampião* é considerado o primeiro jornal gay de engajamento político no Brasil. Fruto da cultura homossexual brasileira, o jornal circulou em formato de tabloide entre os anos de 1978 a 1981. E logo virou um sucesso de vendas, emplacando a quantia de quinze mil exemplares vendidos durante todo o tempo em que estava em circulação.

Segundo Moretti-Pires, Tesser Júnior, & Kovalesski (2018) na pesquisa “Homofobia e os socialistas brasileiros em o *Lampião da Esquina* (1978-1981)” ao se dedicar à análise das 47 edições do jornal, os autores alegam que para o jornal se “comportar” e manter o grande sucesso contava com uma base editorial muito forte. Entre eles estavam: Adão Costa - Aguinaldo Silva - Antônio Chrysóstomo - Clóvis Marques - Darcy Penteado - Francisco Bittencourt - Gasparino Damata - Jean-Claude Bernardet - João Antônio Mascarenhas - João Silvério Trevisan - Peter Fry. Apesar desse grupo, os autores perceberam que o jornal não era de fácil acesso, pois não se encontrava em qualquer banca, nem mesmo naquelas já conhecidas por vender jornais da esquerda revolucionária. Isto se devia ao seu foco de publicação, uma vez que tratava de temas ainda considerados tabus como o prazer homossexual e a desmistificação de que os homossexuais viviam infelizes ou no escuro.

O jornal, como já ressaltado, circulou durante três anos e por motivos de conflitos editoriais internos, questões administrativas relacionadas à publicidade e ao aumento da censura aos meios informativos, foi fechado. Ainda assim, foi o grito que quebrou o silêncio imposto pela repressão da direita e da hostilidade da esquerda, fortalecendo mecanismo de garantia de direitos da população LGBT (Santos, 2017, p. 15).

Rafael Aguiar (2020) em sua dissertação "O Estado policial-Securitário e as violências ANTI-QUEER no BRASIL: a governamentalidade sexual da ditadura civil-militar à redemocratização (1964-1985)" mostra as diferentes formas em que se deram a política sexual da ditadura civil-militar, o que subentende: perseguições, censuras e repressão. O autor caracteriza que a ditadura consistiu em um momento de luto coletivo sob a privatização dos valores éticos e políticos que perseguiu e violentou seus próprios cidadãos.

Segundo Nathalia Pedroso (2017) na dissertação "Atravessamentos entre a ditadura civil-militar brasileira e a perseguição às pessoas lgbt: histórico, recorte jus transicional e legado autoritário" a autora levanta que foi nesse período também, que muitas travestis passaram a andar com giletes em suas bocas e quando presas se cortavam ao ponto de serem levadas para os hospitais, como estratégias para serem depois de tratadas liberadas. Aos finais de semana, as perseguições contra homossexuais se intensificavam, a autora afirma, que por noite eram presas e detidas cerca de 30 a 500 pessoas, principalmente travestis e transexuais, considerados naquele período, principais alvos do regime civil-militar.

Ao analisar e tomar como objeto de estudo os seguintes documentários: Cláudia (2009), Dzi Croquettes (2009), Divinas Divas (2017), Lampião da Esquina (2016) e São Paulo em Hi Fi (2013) Neves (2019) pôde constatar que muitas transexuais, como Claudia Wonder, contrariando o regime e resistindo, organizavam grupos para atuar contra a discriminação e as violências contra travestis e homossexuais na cidade de São Paulo nos anos 1980. Tais grupos faziam parte da contracultura que contestava os moldes ideológicos do regime civil-militar e defendia o espaço de voz das chamadas minorias.

Por fim, Silva (2022) na dissertação "Dos armários do DOPS à imprensa da cidade: as sexualidades dissidentes durante a ditadura civil-militar em Goiás (1974-1980)" reconhece que o DOPS (Departamento de Ordem Política Social) está associado tanto à necessidade de combater o avanço do comunismo que era considerado uma ameaça à ordem e à soberania nacional, como também, controlar as formas desviantes da sexualidade, que por sua vez, também eram consideradas perigosas e degenerativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a ditadura civil-militar no Brasil, a homossexualidade era um tema extremamente sensível e por muitas vezes reprimido. Isso porque, o regime, através de suas ideologias promoveu um ambiente de censura e repressão, e isso incluía, todos aqueles dissidentes da homossexualidade que desviavam dos padrões heteronormativos de gênero.

A partir de tal mapeamento é possível entender que o mesmo não havendo uma política de estado formalizada para punir os homossexuais, eram realizadas *operações de limpeza e rondões* nos principais bares e casas de performance considerados naquele período principais espaços de sociabilidade. Tal atitude tinha por objetivo a criminalização e aniquilação da existência de gays, travestis e transexuais das cidades, empurrando-os forçadamente para os guetos. Logo, a imprensa alternativa naquele período, considerado um dos principais alvos da ditadura, serviu como espaço importante de crítica ao regime, de denúncias e de fomento aos debates das organizações de esquerda. Cumprindo assim, um papel fundamental de oposição e resistência à ditadura no Brasil.

As pesquisas descritas acima, por sua vez, reverberam que mesmo em um período tão opressivo que era a ditadura, houve a resistência e ativismo de grupos e indivíduos que buscavam a visibilidade e os direitos para a comunidade que convencionamos chamar hoje pela sigla LGBTQIAPN+. Tais movimentações e lutas por direitos civis e sociais fomentaram para a mudança gradual na percepção da homossexualidade na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Rafael dos Reis. **O ESTADO POLICIAL-SECURITÁRIO E AS VIOLÊNCIAS ANTI-QUEER NO BRASIL: a governamentalidade sexual da ditadura civil-militar à redemocratização (1964-1985)**. 2020. Dissertação de mestrado. Universidade de Ouro Preto.

JÚNIOR, Paulo Roberto Souto Maior. **Escrever para inscrever-se: epistolografia homossexual nas páginas do Lampião da Esquina (1978-1981)**. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 254-282. set./dez. 2016.

Moretti-Pires, Rodrigo Otávio; Júnior, Zeno Carlos Tesser; Kovaleski, Douglas Francisco. **Homofobia e os socialistas brasileiros em “O Lampião da Esquina” (1978-1981)**. Revista Estudos Feministas [online]. 2018, v. 26, n. 3 [Acessado 22 Abril 2024], e 45989. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n345989>>. Epub 11 Out 2018. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n345989>.

NEVES, Marcelo Saldanha das. **Performance, porrada e purpurina: histórias e memórias LGBT+ em recentes documentários brasileiros**. 2019. Dissertação. Universidade Estadual de Maringá.

OCANHA, Rafael. As rondas policiais de combate à homossexualidade na cidade de São Paulo (1976-1982). In: GREEN, James; Quinalha, Renan (Org). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos/SP: EdUFSCar, 2015. p.149-176.

PEDROSO, Nathalia Alves. **Atravessamentos entre a ditadura civil-militar brasileira e a perseguição às pessoas LGBT: Histórico, recorte jus transicional e legado autoritário**. 2017. Dissertação. Universidade católica do Rio Grande do Sul.

PEREIRA, Ana Cecília. **As comissões da verdade no Brasil e a construção de narrativas sobre a repressão a pessoas LGBT durante a ditadura militar**. 2021. Dissertação de Mestrado. Universidade de Juiz de Fora.

QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

RAMOS, Altina; FARIA, Paulo M.FARIA, Ádila. Revisão sistemática de literatura: contributo para a inovação na investigação em ciências da educação. Rev. Diálogo Educ., Curitiba , v. 14, n. 41, p. 17-36, abr. 2014. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-416X2014000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 abr. 2024.

SANTOS, Rogério Reis dos. **Uma bicha atrevida pede a palavra: O lampião da esquina e a resistência de homossexuais durante a ditadura civil militar brasileira**. 2017. Dissertação. Universidade de Brasília.

Palavras-chave: Ditadura Civil-militar, Repressão, Homossexualidades.